

Profª Lucimar Izabel de Faria

Escola Municipal de Educação Básica Albino Freitas – Diadema/SP

Título

Estética musical na primeira infância

Resumo

O trabalho foi desenvolvido com crianças pequenas, entre 2 e 3 anos, de uma escola de período integral em Diadema. Elas estão inseridas em um contexto social não favorecido. Isto implica que elas têm poucas oportunidades culturais, inclusive a de receber bons estímulos musicais. Estes fatores impulsionaram-me a realizar um trabalho em educação musical voltado principalmente para aguçar o senso estético das crianças.

A estética musical está relacionada com qualidade, beleza e o prazer que ela faz nascer em nós. Ela pode exercer uma influência emocional e cinestésica. Relaciona-se com a sensibilidade, sendo esta fundamental para o desenvolvimento integral da criança.

Para o alcance desse objetivo, foram sistematizadas vivências musicais aplicadas de maneira lúdica, com um repertório amplo, rico e variado, a fim de possibilitar apreciação, interação, vivência, sensibilidade musical e aguçar a percepção estética musical. A exposição a este ambiente fez com que, gradativamente, os alunos se tornassem ouvintes mais sofisticados, mais perceptivos, mais sensíveis à música, fato observado em manifestações de alegria, emoção, euforia, concentração, participação, envolvimento, diálogo e na manifestação de suas preferências musicais.

Planejamento

Em minha carreira como professora, percebo que as crianças são bastante atraídas pela música. No trabalho com crianças pequenas, é bastante comum o professor usar a música como parte de sua rotina no trabalho. A música é uma linguagem que faz parte do nosso currículo escolar. Ela é essencial na educação infantil e deve ser trabalhada visando a oferta do universo cultural de maneira qualitativa. De acordo com a Base Nacional Curricular Comum, a música contribui para que as crianças, desde pequenas, desenvolvam o senso estético, crítico, a criatividade, a expressividade, o conhecimento de si mesmas, dos outros e de sua realidade (BRASIL, 2017, p.36).

O título deste trabalho, Estética musical na primeira infância, justifica-se pelo fato de que a maioria dos nossos alunos estão inseridos em um contexto social não favorecido. Isto implica poucas oportunidades culturais, inclusive a de receber bons estímulos musicais. Realizei uma pesquisa com as famílias de meus alunos, e os resultados revelaram que 70% das crianças recebem influência de músicas as quais os vizinhos ouvem em volume alto, inclusive o funk. Pensando nisso, a proposta de estética musical vem ao encontro dessas necessidades. Percebo que as crianças estão muito abertas para ouvir, movimentar e fazer música. Estes fatores impulsionaram-me a realizar um trabalho em educação musical voltado principalmente para aguçar o senso estético das crianças.

A estética musical está relacionada com qualidade, beleza e o prazer que ela faz nascer em nós. Ela pode exercer uma influência emocional e cinestésica. Relaciona-se com a sensibilidade, sendo esta fundamental para o desenvolvimento integral da criança.

Foi preciso debruçar-me num planeamento que ofertasse, de maneira lúdica, um repertório amplo, com manifestações musicais ricas e variadas, locais e universais, a fim de possibilitar apreciação, interação, vivência, sensibilidade musical e aguçar a percepção estética musical. Um ambiente cultural rico para a criança proporcionará oportunidades de vivência musical qualitativa e, com certeza, a tornará um ser diferenciado. E quanto mais exposta, torna-se gradativamente um ouvinte mais sofisticado e capaz de fazer suas próprias escolhas.

Quanto mais sensibilizadas, mais perceptivas serão. Verificamos, então, um perfil de crianças para as quais a escola será um dos poucos lugares que pode oferecer um contexto educativo e cultural mais rico e variado, haja vista a riqueza musical produzida no mundo e, especialmente, a de nossa cultura.

Realizei alguns estudos anteriores sobre educação musical para crianças pequenas e deparei-me com alguns educadores musicais que fizeram parte da minha formação sobre este tema, um deles foi Edwing Gordon (2008), autor da teoria da aprendizagem musical para crianças desde a primeira infância. Também li artigos de vários educadores, entre os quais destaco Beatriz Ilari (2003), pesquisadora do Departamento de Artes da Universidade Federal do Paraná e Helena Rodrigues (2005; 2001), professora assistente da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e fundadora do Laboratório de Música e Comunicação na Infância, da mesma instituição.

A partir da leitura teórica e de experiências com educação musical com crianças desde o nascimento, tracei um planeamento e elaborei uma rotina de aula: 1. História com música ou elementos sonoros; 2. Música para ouvir ou cantar (infantis, folclóricas ou MPB, eruditas); 3. Atividade musical para brincar, expressar ou exploração sonora; 4. Relaxamento (usando música calma, de gêneros ou estilos diferentes). Organizei um cronograma de aulas com essas etapas e, para cada item, fui selecionando as atividades e músicas envolvidas, de modo a facilitar minha visão geral sobre as atividades a serem aplicadas. Esta sequência didática teve duração para 2 meses de aula (maio e junho). Para preparar o material, organizei meus recursos disponíveis (livros, CDs e DVDs). Também busquei vários desses itens na internet. Fui eu quem planejou as aulas e quem redigiu este trabalho, porém as atividades foram aplicadas com a participação de uma professora que atua comigo na mesma turma e que está ciente da inscrição deste trabalho.

Objetivo geral

Propiciar o contato dos alunos com diferentes gêneros e estilos musicais, a fim de possibilitar apreciação, interação, vivência, sensibilidade musical e aguçar a percepção estética musical.

Específicos

Experimentar e vivenciar contrastes de duração, intensidade, timbre, altura, andamento e caráter musical de maneira lúdica e prazerosa;

Participar das atividades musicais seja no brincar, ouvir, fazer, explorar, no sentir, interpretar ou no cantar.

Referências BRASIL. Base Nacional Curricular Comum. Brasília: MEC, 2017.

GORDON, E.E. Teoria de aprendizagem musical para recém-nascidos e crianças em idade pré-escolar. 3.ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008.

ILARI, B. A música e o cérebro: algumas implicações do neurodesenvolvimento para a Educação Musical. Revista da Abem, Porto Alegre, v. 9, p. 7-16, set. 2003. Disponível em: <http://abemeducacaomusical.com.br/revista_abem/ed9/revista9_artigo1.pdf>. Acesso em: 23 out 2015.

RODRIGUES, H. A festa da música na iniciação à vida: da musicalidade das primeiras interações humanas às canções de embalar. Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Lisboa, n. 17, p. 61-80, 2005. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10362/8039>>. Acesso em: 4 out. 2015.

_____. Pequena crônica sobre notas de rodapé na Educação Musical: reflexões a propósito da teoria da aprendizagem musical. Revista de la Lista Electrónica Europea de Música en la Educación, Lisboa, n. 8, nov. 2001. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10362/13081>>. Acesso em: 10 abr. 2018. Referências:

Diagnóstico

A escola Albino Freitas atende à comunidade do bairro do Serraria, local onde ela está inserida.

O bairro do Serraria tem uma área de 2,270 km², com uma população de 31.787 pessoas. Região com densidade demográfica bem alta, aliás, característico da cidade, já que Diadema tem a maior densidade segunda do país, com 12.519,1 habitantes por km², perdendo apenas para São João do Meriti, no RJ (PREF. DE DIADEMA, 2012, p.6).

A escola possui 10 salas de aula, atende a um total de 169 alunos. Infelizmente não há espaço destinado à biblioteca, brinquedoteca ou sala específica de vídeo na escola. Porém somos privilegiados em relação às áreas externas. A escola tem um parque, um pátio coberto e um pátio descoberto.

Nossos alunos estão inseridos em um contexto social não muito favorecido. De acordo com uma pesquisa realizada na escola, 43% deles são de famílias que recebem até 1 (um) salário mínimo e 50% são de famílias que recebem entre 2 e 3 salários mínimos. 78% das famílias onde vivem as crianças têm alguém desempregado. Nas horas de lazer, as famílias costumam, em sua maioria, assistir televisão e visitar parentes, tendo número bem significativo, também, ir a parques e ao shopping. Na cidade há um shopping que foi inaugurado em maio de 2009. Têm como opção de lazer, também, o Teatro Municipal Clara Nunes. No bairro há um Centro Cultural, porém parece ser pouco frequentado pelas famílias dos alunos. O diagnóstico do perfil da turma foi realizado através de pesquisa com os pais e através de avaliação e registro do relatório inicial dos alunos (ver anexo 1).

De acordo com pesquisas que realizamos com as famílias, 70% das crianças recebem influência de músicas as quais os vizinhos ouvem em volume alto (a maioria funk e sertanejo). As músicas que as famílias dos alunos mais ouvem são dos gêneros sertanejo e gospel. A turma "minigrupo B" é composta por 16 alunos, sendo que, ao final de julho de 2017, os alunos tinham entre 2,5 anos e 3 anos completos.

A sala de aula onde atuei na escola (sala 7) tem um espaço bem pequeno, pois foi adaptada para aumentar o número de salas e atender à comunidade da escola, que possui uma demanda grande na fila de espera. A sala onde atuei tem uma área de aproximadamente 32 metros quadrados. As atividades foram realizadas neste espaço e, apesar de pequena, foi possível aplicar todas as atividades planejadas.

O diagnóstico inicial dos alunos foi realizado principalmente observando-se os alunos, com anotações no caderno de registro do professor e, posteriormente, sistematizando-o num documento chamado percurso inicial dos alunos. O período de observação diagnóstica inicial durou aproximadamente 1 mês. O

documento revelou que as crianças, em sua maioria, nunca haviam frequentado a escola e, por isso, várias choraram bastante no período de adaptação. Destas, 11 crianças necessitaram de objeto de apego para dormir na escola e, das 16 crianças, apenas 5 eram autônomas quanto ao controle do esfíncter. Cinco crianças necessitavam da presença da professora no horário de descanso (sono). A avaliação diagnóstica também identificou que somente 50% dos alunos desta turma utilizavam frases para comunicar seus desejos. Os outros comunicavam seus desejos e necessidades apontando objetos e também por meio do choro. Sobre o repertório de músicas, apenas 5 crianças, que já haviam frequentado a escola, cantavam algumas músicas folclóricas apresentadas a eles anteriormente. Aproximadamente 60% das crianças interagem com os colegas da turma.

As atividades sequenciadas das vivências musicais iniciaram-se três meses após o início das aulas, período em que as crianças já estavam bem mais adaptadas à rotina escolar e não apresentavam mais choro. Neste momento o grupo já demonstrava mais interesse nas atividades propostas.

Minha expectativa em relação às vivências musicais foi o de promover vivências na perspectiva do desenvolvimento estético. Para isso foi necessário desenvolver uma diversidade de experiências musicais lúdicas que aguçassem a percepção dos alunos, bem como o contato com um repertório amplo e cuidadosamente escolhido. Os resultados implicam no desenvolvimento global da criança, uma vez que as atividades contemplam também potencialidades nas dimensões afetivas, cognitivas, linguísticas e motoras. Minha intenção foi que, ao final das aulas sequenciadas, as crianças participassem das vivências com manifestação de entusiasmo, que pudessem fazer suas escolhas musicais a partir do contato com o universo cultural musical. Que eles adquiram o hábito de ouvir e que se manifestem sensitivamente de maneira intuitiva.

Referência:

PREFEITURA DE DIADEMA. Sumário de dados básicos de Diadema - SP. Diadema, 2012. p. 82. Disponível em:

<http://www.diadema.sp.gov.br/dmp/comunicacao/Comunicacao/Site2/sumario_miolo_20x26.pdf>.

Acesso em 20. mai. 2018.

Desenvolvimento

Após o diagnóstico da turma, da seleção de repertório e atividades musicais, estruturei as aulas de maneira sistematizada, seguindo uma rotina com os itens:

1. História musicada, fundo musical ou com elementos sonoros;
2. Músicas para ouvir ou cantar (infantis, folclóricas, MPB, erudita);
3. Atividade para brincar, expressar-se corporalmente ou de exploração sonora;
4. Relaxamento (música com ambiente tranquilo, penumbra, com ou sem colchonetes e, às vezes, com massagem).

O período de aplicação foram os meses de maio e junho. Antes de iniciar aplicação da sequência de músicas, no período em que as crianças vivenciaram o processo de adaptação escolar, apresentamos um repertório com muitas músicas, principalmente com atividades de canto e brincadeiras de roda. Isto facilitou inclusive no processo de adaptação das crianças. Sem dúvida, esta foi uma estratégia que gerou

o interesse dos alunos pela música, pois eles já haviam experimentando um pouco do prazer que ela propicia. Elas precisam ser estimuladas e quanto mais cedo forem, mais alicerces musicais elas terão desenvolvido.

Foram programadas 13 aulas, totalizando um período de duração 2 meses. Não houve encadeamento de nível crescente de dificuldade, mesmo porque as atividades eram todas lúdicas e com objetivo maior de proporcionar vivências musicais, poderiam ser aplicadas independente da ordem em que apareciam. A organização das aulas era encadeada por uma certa lógica, por exemplo, se contei uma história com personagens com contraste de vozes (agudo, grave e médio), levei também para esta aula áudio de timbre de vários animais (o leão, por exemplo, com timbre grave e o gato com timbre agudo). Mas não necessariamente esta lógica fazia-se necessária.

Notei, nas primeiras aulas, que a quantidade de atividades por vivência foi grande para a turminha. Então dividimos a aula em dois momentos: um antes do café da manhã, em que apliquei as etapas 1 e 2 (descritas acima). Após o café, aplicamos as etapas 3 e 4 da aula. Dessa maneira ficou bem mais tranquila e prazerosa a participação das crianças nas vivências musicais.

Os estímulos recebidos a cada aula fizeram com que se estabelecesse uma rotina de aula em que os alunos participaram ativamente e já esperando por aquele momento. No dia em que não aplicávamos as aulas, eles mesmos questionavam: “hoje não teremos música?”

Em nossa turma, a grande maioria tinha por volta de dois anos. Até o final do primeiro semestre, meus alunos já estavam com idade entre 2,5 anos e 3 anos completos. Alguns tinham menos habilidades motoras e cognitivas em relação a outros, bem como havia alunos que interagem entre si e outros que ainda não. Todos poderiam participar independente de seu desenvolvimento. Mas claro, todos avançaram em relação a si mesmos (aspecto que pode ser conferido no item avaliação). As vivências musicais colaboraram nos aspectos do desenvolvimento integral da criança. A incorporação dos elementos musicais, do fazer, do perceber, discriminar e outras capacidades, estão associados ao estímulo e às capacidades individuais, respeitando suas diferenças.

Percebi o quanto as crianças envolviam-se com as aulas. As atividades, por si só, já despertavam o interesse pelas vivências musicais. E em dias em que não aplicávamos as aulas sequenciadas, repetíamos atividades que eles mais gostavam ou que pediam. Eles sempre apresentavam suas predileções. Na educação infantil é bastante comum a repetição como nas brincadeiras, histórias e músicas. Eles costumam pedir para vivenciar repetidas vezes o que eles gostam. Isto é uma característica que evidencio em crianças pequenas.

Como já explicitada inicialmente neste texto, a rotina seguiu a ordem de: contar história; ouvir ou cantar; brincar, expressar ou explorar e, finalmente, relaxar; todas envolvendo música ou elementos musicais. Logo abaixo relato algumas atividades desenvolvidas e estão organizadas pelo tipo de atividade, para que o leitor tenha um olhar no tipo de agrupamento de atividades. Os detalhes sequenciais descritos de cada aula, na sua ordem exata, podem ser conferidos no anexo 2. Lá aparece, inclusive, todo o repertório utilizado nas vivências. As fotos estão no anexo 3.

Há um vídeo publicado no Youtube com uma mostra de várias atividades desenvolvidas (descritas abaixo) que foram filmadas e publicadas. Está disponibilizado no link: <https://youtu.be/J18f-78TReY> (vídeo listado).

1. Histórias

a. O lobo e os 3 cabritinhos (adaptado da coleção Disquinho). Conte a história utilizando um avental, com cenário e personagens. Esta história conta sobre 3 cabritos de tamanhos diferentes, com timbres de voz característicos (grave, médio e agudo). Há uma parte cantada da música que trabalha o aspecto altura. Enfatizamos contraste de altura no timbre de voz dos personagens e no canto (voz grave para o personagem maior e o lobo, voz numa região média para o cabrito médio e voz aguda para o cabritinho pequeno). Eles aprenderam a música "Ti-to-tó", parte cantada da história.

b. Papai (Philippe Corentin). Esta história é de suspense. Foi contada com suporte de um teclado, utilizando recursos timbrísticos que ele oferece (timbre de suspense e medo, bem como sons serenos, de acordo com o momento da história). Conte a história com as luzes apagadas. Foi uma história diferente, pôde propiciar momentos com escuta de elementos característicos da música que fazem parte do clima da história.

c. O grande rabanete (Tatiana Belink). A versão musicada é apresentada pelo grupo Tic tic Tati. Esta foi, sem dúvida, a história musicada de que mais gostaram. Após contar a história, apresentei a versão musical e, depois, convidei os alunos para dramatizarmos a música. Em outros momentos, ouviam ou assistiam o vídeo musicado da música (grupo de teatro Tic Tic Tati). Em vários momentos, enquanto ouviam a música, automaticamente se organizavam para dramatizá-la. Foi tão interessante que até apresentamos à comunidade escolar. Eles não se intimidaram, não choraram e ficaram muito felizes. Os pais das crianças realizaram vários elogios, orgulhosos dos filhos. Também é possível ver o trecho desta atividade disponibilizada no vídeo <https://youtu.be/J18f-78TReY>.

d. Mosquito (Telma Chan & Telmo Cruz). É uma história contada, sonorizada com elementos onomatopeicos. Utilizei com objetos pertinentes à história. As crianças ficaram concentradas na história. Esta atividade pode ser visualizada no vídeo.

e. Meg e a música (Márcia d'Haese). Trata-se de uma história que inclui o recurso com fragmentos de clássicos de música erudita, funcionando como fundo musical para as diferentes cenas da história, trechos esses selecionados e editados para tal. Esta história trabalha o aspecto caráter musical. A história possui momentos com diferentes sensações, como alegria, tristeza, de expectativa, dançantes, de marcha, suspense. Foi uma ideia que tive ao ler a história, associar a história à sensibilização auditiva, inclusive, com oportunidade de ouvir trechos clássicos de vários compositores eruditos como Schubert, Bach, Litz e Massenet. Para organizar esta atividade, debrucei-me em selecionar o repertório e pequenos trechos das músicas para combinar com a cena contada da história.

f. Beleléu (Dugnani, Patrício). Esta é uma história que fala de um personagem, o Beleléu, que esconde objetos e brinquedos de uma criança que não guarda seus pertences. Conte a história com o livro e depois apresentei uma música de mesmo título (de Sílvia Negrão). Representei com a música e, numa outra aula, dramatizamos com os alunos, inclusive com o boneco Beleléu, confeccionado por uma das professoras da escola. As crianças gostaram muito de dramatizar essa música (vide vídeo).

2. Músicas para ouvir

Este foi o momento da aula dedicado a eles ouvirem músicas e ampliarem seu repertório. Algumas das músicas apresentadas, das quais eles gostaram muito e que repetimos em outros momentos, estão descritas aqui:

a. Samba de Maria Luiza (Tom Jobim). Comentei o nome do compositor e mostrei a foto dele aos alunos, explicando também que ele fez essa música para sua filha, a Maria Luiza (levei uma boneca representando a personagem da música). Eles gostaram tanto da música que, em vários momentos, na hora do sono, eles pediam para repetir a música como um fundo musical para eles dormirem. Então decidi levar uma gravação da música na versão instrumental, executada pelo pianista Amilton Godoi, músico conhecido e respeitado no mundo do jazz e da bossa nova.

b. Sai preguiça. Música folclórica gravada pelo grupo Palavra Cantada. É preciso valorizar nossa produção nacional. Esta música produziu nas crianças uma reação cinestésica na qual eles não conseguiam ouvir sentados. Toda vez que ouviram a música, eles levantaram-se automaticamente para dançar a música.

c. Quem tem medo? (Darezzo). É uma música infantil bem atual, da pianista, compositora e educadora musical, Margareth Darezzo. É conhecida na área de educação musical para crianças. Traz em suas composições músicas com arranjos de Pichu Borrelli. Sua preocupação em produzir um material didático de excelência confere às suas produções uma sonoridade didaticamente pensada para cada música. As crianças sempre pediam para repeti-la. Em algumas situações, representamos a música num ambiente propício (penumbra), com o livro que é bem interativo.

d. O ciclo da vida (Lebo M. Hans Zimm). Esta música faz parte do filme "O Rei Leão". Após apresentarmos o vídeo musical do trailer do teatro, as crianças ouviram e visualizaram o coral com o elenco brasileiro cantando. E, por incrível que pareça, permaneceram atentos à execução da peça. O que me causou admiração foi ver crianças tão pequenas visualizando um grupo de coral de pessoas adultas, cantando e sendo atraídas pela música. A música de origem africana, de um cantor e compositor africano, exibe características próprias da cultura (ritmo e instrumentos musicais), inclusive uma parte dela é cantada na língua zulu.

e. Bicharada (Saltimbancos). Esta música eu apresentei a eles, inicialmente, contextualizando-a com imagens dos personagens; de uma maneira bem simples, conversei com eles sobre a exploração dos pobres animais. Depois ouviram o trecho de um vídeo de uma peça de teatro. A reação das crianças foi de muita alegria, demonstrando um balanço natural do corpo ao ouvir a canção. Em outros momentos em que eu colocava o áudio dessa música, era nítida a reação corporal-sensitiva expressada pelos alunos.

f. Trashing the Camp (Phill Collins). Esta música é tema do filme Tarzan. Trata-se de uma composição que apresenta muitos sons diferentes, começa com som de máquina de escrever, outros sons como de vidros quebrando, objetos metálicos, pratos, entre outros, bateria, contrabaixo, teclado e, claro, com uma melodia executada pelo cantor. O ritmo dançante da música, com certeza, mexeu com os alunos, pois balançavam naturalmente o corpinho, sentindo a música. Esta música foi estratégica para chamar a atenção das crianças quanto aos timbres diferentes e pouco comuns em produções musicais. Após esta atividade, pedi que os alunos atentassem aos sons externos da sala. E fui perguntando: o que vocês estão ouvindo? Ouçam, tem barulho de crianças; tem o liquidificador da cozinha, o som do passarinho, entre outros. Este tipo de atividade chama-se paisagem sonora. É uma atividade importante que ajuda a aguçar a audição dos alunos. Neste mesmo dia, quando as crianças estavam deitadas para o horário de descanso, ouviram o latido de um cachorro e algumas crianças fizeram questão de comentar: "olha o cachorro!" Elas ficaram atentas ao ambiente em que estavam inseridas.

g. Pai Francisco (Villa Lobos). Ouvimos a música cantada pelo Coro Infantil do Teatro Municipal do Rio de Janeiro. A seleção foi feita criteriosamente para que os alunos ouvissem uma obra do cancionero

tradicional infantil de Villa Lobos, uma canção de brincadeiras infantis ambientadas para coro infantil à capela, bem diferente do que as crianças estão acostumadas a ouvir. Claro, na aula contamos uma história: O homem dos sete mil instrumentos e mil e uma alegrias (Elias José) que tem uma relação com a música. Em outros momentos, realizamos a brincadeira de roda Pai Francisco, com e sem o áudio. Esta é uma das músicas que eles pediam para brincar novamente.

Outras músicas foram ouvidas por eles. Algumas traziam alguns elementos trabalhados, como por exemplo a música instrumental "Tanto mar" (Chico Buarque), música em que aparece o contraste entre andamento e intensidade. Porém o objetivo não foi que eles aprendessem a diagnosticar e nomear os diferentes andamentos musicais, mesmo porque ainda são pequenos. A ideia era proporcionar o contato com um repertório variado e com atividades musicais variadas que trabalhem os parâmetros da música, uma variação de estilos e gêneros musicais, para que eles pudessem ter o contato com toda essa variedade e riqueza e, principalmente, tivessem promovido o gosto pela música, levando-os a agirem criticamente fazendo suas escolhas.

3. Atividades musicais para brincar, expressar, explorar ou para o fazer musical

a. Timbres. Relacionar áudio com imagem. Selecionei vários timbres de animais. Inicialmente apresentei aos alunos os timbres menos conhecidos por eles, como o timbre do peru, do elefante e do galinheiro. Depois de apresentados, eles os ouviram e deveriam indicar qual a imagem correspondente ao desenho. Em outro momento, solicitei que fizessem isso com sons característicos de fenômenos da natureza (trovão, chuva, vento, água). Eles memorizam o som com muita facilidade. É incrível ver as crianças discriminando os timbres. E muitas delas sentiam-se, inclusive, estimuladas a falar.

b. Brincadeira musical: Dona Tartaruga (grupo Curupaco e Clic!). Trata-se de uma música dessas em que há variação de andamento musical. É uma brincadeira cantada na qual os alunos simulam diferentes animais em diferentes andamentos musicais.

c. Explorando sons. Inicialmente eles ouviram o som do papel inteiro, depois o amassaram e ouviram novamente; depois exploraram o som do celofane. Depressa ou devagar, forte ou fraco. Foram atividades para aguçar a percepção dos sons produzidos pelos alunos. Por último, perceberam o som produzido por um pau de chuva. As crianças pediam para ouvir de novo. Produzi o som próximo ao ouvido de cada criança, o que causou curiosidade.

d. Brincadeira folclórica: Balança caixão. Eles ouviram o áudio da música num ritmo alegre. Como resgate de nossa cultura, realizamos a brincadeira da música com crianças. Em aulas posteriores, eles brincavam espontaneamente com a música usando bonecas. Esta atividade, então, fez parte do repertório de música deles.

e. Conto dançado: Andando pela floresta (Marcelo Serralva). Texto e atividade adaptada para realizar um conto dançado; é uma espécie de dança circular contada a partir de uma história em formato de parlenda. Foi uma ideia de adaptação que deu certo. Os alunos movimentam-se dispostos em círculo, representando as ações da história. A história tem sons onomatopéicos que as crianças reproduzem ao comando. Foi didaticamente pensada para trabalhar alguns parâmetros da música, como altura (som ascendente e descendente), andamento musical e contraste de intensidade. Claro, as crianças não precisam e nem devem saber esses conceitos, mas apenas sentir, perceber, melhorando sua percepção auditiva.

f. Corpo e movimento. Utilizamos músicas diferentes nas aulas, em que simplesmente eles ouviam e expressavam-se naturalmente. Músicas como Superfantástico (Balão Mágico) e Sai preguiça (Palavra Cantada). São atividades em que eles participam bastante.

g. Interação com a música: Troca a fralda (Margareth Darezzi). Esta canção é bem animada, um convite para dançar. Apresentamos a música e depois convidamos as crianças para dançarem a música. Em outro momento, enquanto ouvíamos a canção, as crianças brincavam com bonecas e fraldas. Esta música foi realizada em repetidas aulas, às vezes só com a música, outras vezes com tecidos, simulando fraldas, e outras vezes com bonecas e fraldas. Esta e outras atividades estão registradas no vídeo disponibilizado.

h. Corpo e movimento: Jack in the box (Denis Cley). É uma brincadeira em que cantamos uma música que fala de um palhaço. Utilizei um palhaço do tipo "in the box" (brinquedo projetivo). Cantando grave, o palhaço ficava dentro da caixinha. Cantando bem agudo, o palhaço saía da caixinha. Em outras aulas repetimos a atividade simulando um palhaço vivo, ou seja, com os próprios alunos como atores principais. Ora a turma inteira simbolizava o palhaço, ora simulávamos o palhaço com uma criança individual, dentro de um balde grande, como se fosse um palhaço "in the box". Na música, sons agudos são notados em regiões mais baixas da pauta (linhas onde se escrevem a notação musical), assim com as notas mais agudas são registradas em região mais altas. Tenho claro que meu objetivo não é este, mas de certa forma, inconscientemente, os alunos estabelecem essa relação e aos poucos vão apurando a audição. Quando ouvem alguma melodia, podem perceber timbres ou notas mais graves ou agudas. Não é objetivo que eles nomeiem (afinal, são muito novos), mas proporcionar um ambiente musical lúdico, prazeroso, que aguace o ouvido musical dos alunos, sem dúvida, é essencial para seu desenvolvimento musical.

i. Parlenda brincada: João corta pão (folclórica). Uma brincadeira folclórica em que interagem duas crianças, ou o professor e a criança, simulando as partes cantadas. Além do resgate da brincadeira, também trabalhamos o lúdico, pulsação musical, memória, concentração e a fala. O link do vídeo disponibilizado tem registrado o momento dessa brincadeira, inclusive em reação espontânea.

4. Música para relaxar

A última etapa da aula, neste momento proporcionei um ambiente tranquilo, algumas vezes com a luz apagada, algumas vezes deitados no chão; algumas vezes fazendo massagem neles, algumas vezes com os olhos fechados. Eles paravam para ouvir. Ficavam bem quietinhos. Utilizei músicas de vários gêneros e estilos. Algumas utilizadas:

Lago dos cisnes (Tchaikovsky); Acalanto (Dorival Caymmi); Toc, toc, cavalinho (Canções de Ninar dos Pequenos cantores de Apucarana); Ave Maria (Bach): piano e violino; Moon River (H. Mancini/J. Mercer); Sementes do amanhã (Gonzaguinha); Orinoco Orinoco Flow (Enya); The Gentle Rain (Luiz Bonfá, pianista Oscar Peterson); Massagem é bom (Margareth Darezzi); Impromptu nº3 in G-flat (Schubert). Quero dar um destaque à música Massagem é bom. No dia em que utilizamos essa música, levei um aparelho de fazer massagem e apliquei nas crianças. Foi diferente e inusitado.

Avaliação

Aprendizagem

Nosso objetivo foi aguçar a percepção estética das crianças, proporcionando um universo cultural rico, estimulando a percepção auditiva e utilizando estratégias diferenciadas.

As atividades proporcionaram uma riqueza de diversidades, estímulos variados com músicas de diferentes estilos e gêneros, atividades com corpo e movimento, para ouvir, cantar, brincar e explorar, ou seja, foram estratégias que garantiram a concretização dos objetivos propostos. Os alunos vivenciaram nas atividades lúdicas contrastes de intensidade, timbre, altura, andamento e caráter musical e ampliaram seu universo cultural.

A seleção do repertório foi criteriosa, levando em consideração a diversidade, elementos estéticos intrínsecos à música como harmonia, melodia, dinâmica, timbre, ritmo, além da letra e poesia. Procurei, principalmente, valorizar a nossa riqueza cultural, mas também apresentar a música erudita.

As músicas infantis mais atuais foram escolhidas de material produzido por nomes ou grupos referências na educação musical, como as educadoras Margareth Darezzo e pelo grupo Palavra Cantada. Também utilizei material produzido por Telma Chan (livro e CD), uma educadora musical respeitada e conhecida.

Quanto mais repertoriada for a criança, mais elementos ela terá desenvolvido e reagirá diferente de uma criança não estimulada. Ou seja, a reação de uma pessoa ocorre mais por parte de sua subjetividade e do repertório que ela ouve. Foi este o nosso objetivo, provocar uma reação perceptível nos alunos.

A avaliação foi feita como base na observação dos alunos, sua receptividade, manifestação de sentimentos como alegria, euforia, concentração, participação, envolvimento, na manifestação de desejos e emoções. Os resultados das aulas foram sintetizados no caderno de registro do professor. Também realizamos registros por meio de vídeos e fotos, os quais atuaram também como forma avaliação. A comparação dos alunos com eles mesmos, antes, durante e depois das vivências, foram importantes. O diagnóstico inicial da turma, realizado no princípio do ano, bem como os relatórios individuais que são realizados dentro da rotina da escola, são documentos que expressam os avanços das crianças.

No início do ano, as crianças se dispersavam quando estavam em contato com um repertório por eles desconhecidos. Por exemplo, nos momentos de vídeo, eles desconcentravam-se muito rapidamente, pedindo o que eles já conheciam, os títulos infantis "febres do momento", os amplamente divulgados pela mídia, sempre associando música e imagem.

Quando oferecíamos uma discografia não conhecida por eles, como o Grupo Tiquequê, Chico & Vinícius para crianças, Barbatuques ou Turma do Balão Mágico, inicialmente eles não se interessavam muito, já que não tiveram a oportunidade de receber variados e ricos estímulos. Fomos, aos poucos, apresentando uma diversidade musical. Antes de desenvolver uma sequência de vivências didaticamente sistematizadas, fui, aos poucos, repertoriando os alunos com atividades de sensibilização musical. Algumas das atividades sequenciadas relatadas já haviam sido desenvolvidas com eles. Devagar, fui ambientando os alunos neste clima musical, para, então, aplicar as vivências numa ordem sequencial. A maioria das músicas e atividades aplicadas neste período foram novidades para eles.

A música tem a capacidade de afetar nossas emoções e nosso intelecto. Ela pode exercer influência na vida das pessoas. Essas evidências foram identificadas observando-se o comportamento dos alunos. Por exemplo, quando verificamos que as crianças pedem para repetir determinada música, e as escolhas são individuais, muitas vezes até disputam entre si na perspectiva de serem atendidos pela professora. Percebi facilmente o quanto elas desenvolveram o gosto pelas músicas e que têm suas preferências. Eles escolhem o que gostaram e suas preferências têm a ver com o repertório a que foram expostos. A estética

musical, além de estar relacionada ao prazer e ao que é considerado belo, relaciona-se com a qualidade musical. As reações que as pessoas têm à música são subjetivas e influenciadas pelo ambiente musical em que elas estão inseridas. Por isso cada um tem suas escolhas e por isso justifica-se uma seleção criteriosa e diversificada.

Houve várias ocasiões em que as crianças cantarolaram, ou que, por si mesmas, decidiram representar uma brincadeira vivenciada ou organizaram-se para cantar uma música de roda, ou cantaram sozinhas ou coletivamente em pequenos ou grandes grupos. Como quando ouvem uma música e, automaticamente, expressam-se corporalmente. Foi possível perceber, também, somente em momentos propositais de apreciação auditiva, o quanto os alunos concentram-se unicamente para ouvir, desvinculados de apoio visual. Muitos desses momentos espontâneos foram registrados em vídeos, outros, infelizmente, não consegui registrar.

As vivências musicais foram preponderantes no cultivo da sensibilidade dos alunos. Eles respondiam aos estímulos musicais nas suas formas de expressões corporais, no semblante, no aumento de repertório, no querer mais, no questionar e perguntar se naquele dia eles iriam cantar ou brincar com música, nas suas preferências, nas suas criações espontâneas, na valorização pelas manifestações culturais.

Os alunos ficaram mais falantes e interativos. No início do ano, nossa avaliação diagnóstica identificou que somente 50% dos alunos desta turma utilizavam frases para comunicar seus desejos, necessidades e desgostos. Ao final do primeiro semestre de 2017, esse percentual foi de 86%. Outras atividades foram importantes no alcance desses resultados e, claro, este não foi o objetivo principal do trabalho, mas propiciou condições também para tal. Isto é evidenciado quando cantam (seja fragmento da música ou a canção inteira), quando reproduzem os momentos vivenciados, quando brincam expressando com oralidade, como músicas de roda, brincadeiras cantadas ou ritmadas, quando interagem com os colegas, certamente isto é uma evidência deste resultado.

A ampliação de repertório foi significativa. Seja com as canções aprendidas por eles, seja pela oportunidade de ouvir variados gêneros e estilos. Foi comum perceber criança cantarolando alguma música aprendida. Não foi muito fácil flagrar estes momentos e estar preparado para o registro (câmera). Alguns podem ser visualizados neste link: <https://youtu.be/J18f-78TReY>.

Os alunos reconhecem timbres de animais e fenômenos da natureza. Têm maior sensibilidade, espontaneidade e expressividade corporal, quando estimulados por músicas. Eles expressam-se intuitivamente. O vídeo disponibilizado mostra alguns momentos em que, quando expostos a músicas, eles reagem de maneira espontânea, dançando e dramatizando situações sonoras.

Percebi que, depois de várias vivências musicais, títulos que assistiam com frequência antes de conhecer a discografia apresentada, ao final de dois meses, os alunos preferiam ouvir as novas canções às que estavam expostos anteriormente. Houve alguns momentos em que eles discutiam e disputavam por suas preferências. Em vários momentos como estes, tive que intermediar e negociar uma solução.

Quando relembro os resultados do diagnóstico das influências musicais que as famílias dos alunos recebem, e quando me deparo com uma situação em que as crianças fazem escolhas por um novo repertório, vejo que a proposta de estética musical veio ao encontro dessas necessidades.

Segundo Gordon (2008), criador da teoria da aprendizagem musical para crianças, as crianças devem ser estimuladas da mesma maneira como são para a linguagem materna. E elas têm um alto potencial de

aprendizagem quando nascem, mas que a partir daí, diminui gradativamente. Por isso é essencial oportunizar a essas crianças um ambiente musical rico e estimulador.

O estímulo às músicas tem feito com que os alunos desenvolvam a ludicidade. Podemos citar vários exemplos, como em histórias cantadas, em músicas em que eles brincam. Por exemplo, na música Troca a fralda, eles trocavam as fraldas das bonecas enquanto ouviam a música, após a atividade, dançavam e interagem com as bonecas ao som da música. Além de tudo, a expressão corporal melhora a motricidade, a arte de encenar e a dança.

A respeito da dramatização, vou citar dois momentos. Um especial que vou enfatizar foi a encenação teatral que realizamos com a música O grande rabanete. Esta atividade está inserida numa das aulas sequenciadas, mas ela foi vivenciada outras vezes, em aulas não específicas deste trabalho, assim como outras atividades e músicas repetidas em outras ocasiões. Eles envolveram-se muito na dramatização dessa canção. Outro exemplo foi a dramatização da música Beleléu, comentada na etapa 3 deste registro. Os resultados podem ser visualizados no vídeo disponibilizado.

As atividades desenvolvidas contemplam o aspecto da integralidade e a indivisibilidade das dimensões expressivo-motora, afetiva, cognitiva, linguística, ética, estética e sociocultural das crianças, amplamente defendido pelas Diretrizes Curriculares (BRASIL, 2013 p.86).

Construí grandes aprendizados e realizei muitas reflexões ao longo deste trabalho. Em minhas pesquisas, descobri que experiências sistematizadas e qualificadas com crianças pequenas ainda são poucas e, portanto, no início encontrei certa dificuldade em selecionar diferentes estratégias. Então, o jeito foi criar e adaptar possibilidades. Isso me surpreendeu. O resultado foi fantástico, porque à medida em que selecionei as músicas, muitas ideias iam fluindo, sendo até difícil optar por quais estratégias e músicas eu utilizaria. Fiquei realizada ao ver o quanto as crianças respondem positivamente. E o quanto é possível, desde tão pequenas, elas atuarem como protagonistas, pois muitas vezes pedem para realizar esta ou aquela atividade especificamente, questionam se vão apresentar alguma atividade novamente (pois fizeram isso uma vez, embora não tenha sido o objetivo deste trabalho, apenas uma consequência, já que recebemos um convite e dramatizamos a música O grande rabanete).

O resultado me fez perceber o quanto que, na prática, estou me especializando em trabalhar música com crianças pequenas. O que parecia um desafio, exatamente por serem bem pequenos, tornou-se uma possibilidade exitosa. Não foi nada fácil, pois houve dedicação de meses e horas de trabalho na busca de repertório e estabelecimento de estratégias. Planejei minuciosamente um total de 13 aulas. Porém, com o desenvolver as atividades, tomamos a liberdade para adequar algumas delas, já que a cada vivência, nossa experiência aumentava e podíamos enxergar as que melhor se adequariam, de acordo com as respostas dos alunos. Em algumas atividades, os resultados foram melhores do que os imaginados, como na atividade "Andando pela floresta" (descrito no item Desenvolvimento e registrado em vídeo). Imaginei a dificuldade em mantê-los em roda, sem dar as mãos, mas a ideia de marcar o chão foi excelente e eles brincaram melhor do que o esperado.

Após o encerramento das atividades, iniciamos o período do recesso escolar. No retorno, as crianças demonstravam ainda vivo interesse pelas atividades. Notei que os alunos haviam desenvolvido muito bem a concentração para as atividades coletivas, especialmente nas rodas de histórias e de música. Não tive dúvidas de que as atividades desenvolvidas no primeiro semestre foram tão significativas para eles, que desenvolveram o gosto pela música. Eu não poderia simplesmente deixar de propiciar momentos

musicais. Sendo assim, continuei a estimulá-los, mas não no mesmo formato anterior, de rotina específica de música. Repetimos várias atividades realizadas no período das vivências (maio e junho). Mas eles pediam mais. Então decidi trabalhar com uma famosa fábula musical Pedro e o lobo, do compositor russo Sergei Prokofiev (1891-1953). A narrativa tem alguns personagens que são identificados por temas musicais, representados, cada um, por um instrumento musical específico. Trabalhei a história, os vídeos e os temas musicais, o reconhecimento sonoro, relacionei o som ao instrumento. Deu para trabalhar vários aspectos da música, inclusive o caráter musical (como tristeza, alegria, suspense, euforia). Estavam sensibilizados para a música. Então tive a ideia de desenvolver projetos ou sequências didáticas temáticas, como Pedro e o lobo, Saltimbancos ou o O carnaval dos animais, que são grandes clássicos musicais. Mas ressalto a importância de, independentemente de projetos, oportunizar aos alunos um repertório variado.

Sempre trabalho com música com meus alunos, mas nunca havia desenvolvido um trabalho tão sistematizado com crianças tão pequenas. Foi prazeroso e demonstrou o quanto as crianças respondem positivamente.

Reflexão

Percebo que, nas escolas, o trabalho desenvolvido com crianças pequenas, às vezes, é reduzido a momentos com canto coletivo, com repetição de um repertório pequeno e pouco variado. Talvez não haja conhecimento, por parte dos próprios profissionais da educação, sobre o quanto é possível desenvolver um trabalho rico nas escolas. Por exemplo, em minha trajetória, não lembro de ter havido solicitação, por parte dos profissionais de educação, de material educativo musical para os alunos, inclusive discográfico. Acredito que é um desafio para a educação investir mais qualitativamente nesta área. Eu, por exemplo, utilizei meus recursos próprios para desenvolver o trabalho, adquiridos ao longo dos anos e outros que busquei pela internet através de um intenso trabalho de pesquisa.

Desenvolver um trabalho que amplie as oportunidades dos alunos é um trabalho possível de ser desenvolvido por qualquer professor. Basta que ele tenha vontade e disciplina para buscar e selecionar material. Não precisa ser especialista em música. É claro que um professor que tenha uma formação musical vai saber nomear e identificar alguns elementos da música, porém é possível para qualquer um desenvolver brincadeiras, selecionar repertório, recitar parlendas, realizar jogos de mãos e outras atividades com os alunos. Acredito que este é um dos desafios na educação infantil. Por tudo relatado, considero que este trabalho cumpriu o objetivo a que se propôs, mostrando resultados, como crianças sensibilizadas, mais perceptivas.

A exposição a este ambiente fez com que, gradativamente, os alunos se tornassem ouvintes mais sofisticados em relação a quando entraram na escola, capazes de fazer suas próprias escolhas. Minha expectativa é de que elas continuem recebendo estímulos dessa nossa riqueza musical, para que ampliem seu grau de sofisticação, para que saciem a sede que desenvolveram pela música. Se a escola não oferecer bons estímulos, não podemos esperar que eles tenham boas referências musicais. Este é também um grande desafio.

Referências:

BRASIL. Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica/Ministério da Educação. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.

GORDON, E.E. Teoria de aprendizagem musical para recém-nascidos e crianças em idade pré-escolar. 3.ed.
Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008.